

# **CRIANÇAS ESCOUTHS: O ESCOTEIRISMO A PRELEÇÃO AOS CORPOS FORTES E SADIOS NA PARAÍBA (1930-1940)**

Azemar dos Santos Soares Júnior<sup>1</sup>

## **RESUMO**

Esse trabalho tem por objetivo analisar a prática do escoteirismo enquanto uma modalidade esportiva nas escolas da Paraíba na década de 1930. Dentre as diversas modalidades de educação física desenvolvidas nas escolas paraibanas, a ginástica sueca e o futebol, tornaram-se as mais indicadas pelos médicos e desejadas pelos alunos, respectivamente. Porém, outra modalidade, começava a despontar como formadora de corpos fisicamente vigorosos: o escoteirismo. As atividades de campo, acabavam por dar disciplina ao corpo, tornava-os fortes, ensinava-lhes técnicas de sobrevivência, formas de proteção contra as doenças e certas posturas éticas. Um exercício que reunia o tema em voga fortemente defendido pelo discurso médico-pedagógico da época: uma mente sã, um corpo sadio. Força e inteligência davam as mãos. Metodologicamente, analiso os discursos publicados pelo jornal *A União* e pela *Revista do Ensino* da Paraíba, que dedicaram páginas ao tema do escoteirismo. Analisar os corpos de crianças *escouths*, é possível, ao som dos acordes de Clio, entoando as regras da História Cultural na produção de histórias do corpo, da saúde e das doenças.

**Palavras-chave:** Escoteirismo, corpo e educação.

## **ABSTRACT**

This work aims to analyze the practice of Scouting as a sport in Paraíba schools in the 1930s. Among the various forms of physical education developed in Paraíba schools, Swedish gymnastics and football became the most recommended by doctors and desired by the students, respectively. Yet another embodiment, beginning to emerge as forming physically vigorous bodies: the scouting. Field activities, ended up giving discipline to the body, made them strong, he taught them survival techniques, forms of protection against diseases and certain ethical stances. An exercise which brought together the theme in vogue strongly advocated by medical and pedagogical discourse of the time: a healthy mind, a healthy body. Strength and intelligence held hands. Methodologically analyze the speeches published by the newspaper *The Union* and the *Journal of Paraíba of Education*, who have dedicated pages to scouting theme. Analyze the bodies of *escouths* children, it is possible, to the sound of Clio chords, singing the rules of Cultural History in the production of stories of the body, health and disease.

**Keywords:** Scouting, body and education

## **INTRODUÇÃO**

A “saúde do corpo acarreta a do espírito e a robustez physica”. Assim chamou atenção a fala do médico sanitarista Flávio Maroja em mais um de seus artigos para o jornal *A União*. Noutras palavras, o trecho pretendia representar a segurança da saúde, a promoção de um bem estar para consigo, o despertar do interesse do outro e a exposição da beleza do seu corpo. Revelava acima de tudo, um discurso médico comprometido

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba.

com a “educação completa”, ou seja, uma educação pautada nos conhecimentos científicos, capaz de moldar toda uma população e gerar bons frutos: os corpos perfeitos. As primeiras décadas do vigésimo século foram responsáveis por aprofundar dentre os médicos brasileiros, as metas vinculadas à saúde do corpo enquanto objeto de ensino, para tanto, encostaram seus estetoscópios nos muros das escolas e propuseram procedimentos pedagógicos de ensino e avaliação nas matérias de higiene e educação física.

A defesa de um corpo saudável rompia os limites dos ensinamentos de asseio divulgados por periódicos e ensinados pelos professores. Ela invadiu a legislação escolar, fez nascer clubes esportivos, despertou o interesse de homes e mulheres e traçou um novo modelo de corpo capaz de ensinar modos de olhar e de preferir. A educação física ganhou espaço privilegiado nas escolas, passou a ser um discurso de poder, um importante modelo de educação corporal. Mais uma vez, a circulação de saberes produzidos pelos médicos invadiram os espaços escolares e os corpos e seus alunos como afirmou Maria Stephanou (2011, p. 147-148)

As metáforas médicas contaminaram práticas discursivas de diferentes grupos sociais, destacadamente os educadores, uma vez que os médicos, diretamente, buscaram ser reconhecidos como educadores, para o que formularam um discurso que pudesse atestar sua competência para tratar do pedagógico e do escolar, discurso este assetado em uma constante crítica aos processos pedagógicos e à organização escolar, aludindo a inconsistência e arcaísmo daqueles que até então haviam se dedicado às tarefas educativas.

A escola que se aspirava deveria combater a degeneração do corpo, prevenir as enfermidades e assegurar a saúde. Só ganhava o título de escola civilizada aquelas que cumprissem as exigências médicas, cujo principal objetivo foi o de educar pedagogicamente utilizando os recursos da medicina. Da mesma forma que o saber médico voltava-se para a escola, a educação deveria vestir a indumentária da saúde. Ela tornou-se o lugar mais fecundo dos ensinamentos médicos e higiênicos, *locus* educativo por excelência, espaço em que a educação sanitária ganharia força e de lá seria irradiada para as casas, ruas e praças.

Dentre as diversas práticas de disciplinamento do corpo e da mente em vigor nas aulas de educação física nas escolas da Paraíba na primeira metade do vigésimo século, estão a *gymnastica*, o *foot-bool* e o *escoteirismo*. Essa última, ainda dando seus primeiros passos. É sobre a presença do escoteirismo nas escolas da Paraíba que apresento o debate contido nesse artigo.

A imprensa da época, passou a reservar um pequeno espaço de suas páginas para o aparecimento da temática que ganhava um singelo espaço dentre os exercícios já consolidados na disciplina de educação física. Assim, problematizar o escoteirismo enquanto prática educativa escolar só foi possível graças ao dialogo viabilizado entre a História da Educação e a História Cultural, que trouxe ao debate novos sujeitos e objetos, a maioria historicamente relegados ao esquecimento.

## A PRELEÇÃO AOS CORPOS FORTES E SADIOS

Chovia. O vento frio e forte que vinha do mar do Cabo Branco castigava a pele dos rapazes que com lenço amarrado no pescoço partiam para um estudo geológico. Eles haviam abandonado o conforto e aconchego do lar para meter-se durante uma semana dentro das barracas de escoteiro, tudo para comemorar o dia de São Jorge. O estudo realizado nessa ocasião havia disso encomendado pelo Sr. Olindino Macedo ao

chefe do grupo, o professor Sizenando Costa. Naquela época, as praias e os arredores da cidade eram utilizados pelos educadores como lugares para pernoitar em pequenas barracas depois de longas caminhadas a pé. Era ainda o local escolhido para realizar o *Fogo do Conselho*, em que o

chefe e lobo vermelho, fizeram uma sùmula dos acontecimentos do dia, tendo exaltado as vitórias de cada patrulha pelas boas ações e inteligência dos seus homens, pelo auxílio levado aos fracos, pela iniciativa de ter construído uma ponte em determinado rio pela precisão e destreza com que galgaram a paço de onça certo obstáculo, seguindo a pista pelos sinais de estrada deixados pela patrulha do chefe que ia na vanguarda fazendo os reconhecimentos<sup>2</sup>.

Reunidos com a finalidade de realizar estudos sobre a natureza, o escotismo serviu na Paraíba como forma de “aperfeiçoamento moral da criança e para seu desenvolvimento físico, integrando-lhe numa vida o mais possível compatível com a natureza”<sup>3</sup>, para tanto, essa instituição assumiu um ar de “cavalheiresco e muito se aproxima, no seu ritual na vida simples e sadia do homem da selva”<sup>4</sup>. Conforme o professor Sizenando Costa (1933, p. 35) o escotismo na capital do estado visou afastar a criança dos meios urbanos e incute-lhe uma adoração profunda pela natureza; também protegia os fracos e condenava a mentira. Sua indumentária e aparelhamento possuía um alto fim utilitário e prático, muito ao sabor das preferências da criança. O lenço amarrado ao pescoço, vez em quando nas madrugadas úmidas da selva, tinha a função de fazer lembrar aos escoteiros o compromisso jurado de praticar todos os dias uma boa ação. Noutras palavras uma forma de lapidar seu caráter, de fazer lembrar que é fazendo o bem que se atingia certo grau de educação e civilidade.

O educador Sizenando Costa ainda ressaltou que a cor do lenço servia para lembrar o mundo das preocupações dos escoteiros, a sua patrulha que trabalhava com afinco, procurando adquirir eficiência no dormir, no comer, no estudar, dentre outros. Dentre as orientações que regiam o escotismo na Paraíba estava a de todos os jovens deveriam se abraçar num largo abraço eliminando todas as diferenças de castas, cor ou sexo. Deveriam viver como irmãos, de forma fraterna! O escoteirismo estava à disposição do ensino na Paraíba como forma de melhorar o aprendizado, subsidiar a formação moral da criança e acentuar a importância da força física para o corpo. Mente forte representava a moral, corpo vigoroso, a saúde.

Não é certo que o escotismo fosse na década de 1930 forte o suficiente a ponto de possuir grupos em todas as escolas públicas, mas é certo que algumas delas, já haviam aderido a mais essa forma de controlar o corpo. Nasceu na Paraíba nos domínios da Rainha da Borborema<sup>5</sup>. A primeira tentativa de implantar o escoteirismo na Paraíba ficou a cargo do professor Otávio de Barros, na época diretor do Instituto Spencer. O grupo teve vida curta. Em seguida, foi a vez do professor defensor da matéria de educação física, Mário Gomes em difundir na cidade Campina Grande a instituição do escoteirismo. Nesta cidade “foi fundada uma brigada de escoteiros e uma bandeira para o elemento feminino, essas duas entidades muito floresceram na bela cidade serrana” (COSTA, 1933, p. 36). As duas entidades ganharam fôlego: sob a orientação de Mario

---

<sup>2</sup> *Revista do Ensino*, 1933, p. 37.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 35.

<sup>4</sup> *Idem*, p. 36.

<sup>5</sup> Campina Grande.

Gomes “creou e manteve um serviço de assistência dentária, uma escola de enfermeiros e uma biblioteca infantil”<sup>6</sup>.

O modelo de escoteirismo adotado em Campina Grande seguia a orientação das principais associações de escoteiros do Rio de Janeiro, para tanto, o professor Mário Gomes visitou diversas associações não apenas na Capital Federal, mas também em São Paulo e no Uruguai. Logo tratou de filiar sua tropa a *Federação de Escoteiros do Brasil*. Durante os anos que esteve no cargo em que exercia na cidade de Campina Grande fez difundir as vantagens dessa instituição para o corpo e para a mente. Porém, sua atuação foi interrompida com sua demissão. O movimento criado na década de 1920, serviu de inspiração para os educadores da capital do estado que logo “correram para implantar o escoteirismo junto as nossas escolas”<sup>7</sup>.

Em publicação da *Revista do Ensino*<sup>8</sup> (1933, p. 35), Sizenando Costa afirmou que o governo João Suassuna (1924-1928) incumbiu Francisco Pedro Rodrigues da Silva, então comandante da *Escola de Aprendizes Marinheiro*<sup>9</sup>, para dar os primeiros passos para a fundação da associação de escoteiros da capital. Assim, “os nossos educadores, como sempre, num serviço altamente relevante não pouparam esforços para tornar a ideia vencedora e objetivada”<sup>10</sup>. De acordo com a publicação, raro eram os domingos em que “se não ouvisse o tamborilar e o tropel de um grupo de lobinhos e escoteiros que sadios, alacremenente a cantar se dirigia para os arredores da cidade para acordar as aves da floresta e, se tornando fortes para preparar o futuro do Brasil”<sup>11</sup>.

A publicação d’*A União* de 10 de abril de 1928 informava a população paraibana que o professor Sizenando Costa que “sem prejuízo de suas funções no grupo que dirige, está commicionado para dirigir o escoterismo nessa capital, vem cabalmente dando conta de sua missão”. Uma de suas primeira medidas foi a de criar uma escola de monitores onde, além do escoteirismo propriamente dito, ministrava conhecimentos de português e aritmética. Ainda no ano de 1928, Sizenando Costa conseguiu “filiar a

---

<sup>6</sup> *Revista do Ensino*, 1933, p. 35).

<sup>7</sup> *Idem*, p. 36.

<sup>8</sup> A *Revista do Ensino* era publicada vezes de forma anual, vezes de forma semestral pelo Departamento de Educação do Estado da Paraíba.

<sup>9</sup> Sobre a *Escola de Aprendizes Marinheiro* na Paraíba ainda existe uma imensa lacuna. São poucas as informações acerca dessa escola que foi extinta nas primeiras décadas do século XX. As poucas informações que obtive estavam contidas nos jornais em circulação na Paraíba. Por meio deles foi possível saber que na transição do século XIX para o XX a referida escola funcionou nas dependências do Mosteiro São Francisco; na década de 1910 ocupava um prédio cedido gratuitamente pelo Governo do Estado, enquanto seu prédio próprio estava em construção na Av. Dr. João Machado. De acordo com o *Almanach da Paraíba*, publicado no ano de 1917, a *Escola de Aprendizes Marinheiro* possuía naquele ano o número de vinte alunos/aprendizes. De caráter militar prezava pela cultura física e cívica, percebida através de comemorações como a que ocorreu no 11 de junho de 1913, em decorrência da “inauguração dos retratos dos Almirantes Barrozo, Belfort Vieira e do Sr. Dr. Presidente do Estado” (*A União*, 12 jun. 1913); nessa ocasião foram realizados os desfiles cívicos e apresentações ginásticas; além de competições em diversas formas de exercício culminando com entrega de prêmio aos vencedores. Manteve durante longos anos de sua existência o castigo físico enquanto forma de disciplinamento, sendo abolido apenas em fevereiro de 1913: “ficou patente também dessas informações a supressão, por completo do hábito abusivo e aviltante dos castigos phisicos, existindo apenas para os infratores dos regulamentos disciplinares as penas moraes que por menos barbaras são mais condignas de nossa civilização” (*A União*, 18 fev. 1913). No ano de 1917, último em que encontrei notícias sobre esta instituição, era gerida pelo Capitão-Tenente Antonio Vieira Lima com o apoio do Tenente Mário Diniz de Araújo, do Tenente Avelino da Silveira Margas e do Médico Dr. Walfredo Guedes Pereira. Ressalto ainda, que ao entrar em contato com a Capitania dos Portos da Paraíba, me deparei com o desconhecimento da existência dessa escola na Paraíba, para tanto, solicitei acesso ao Arquivo da Marinha do Brasil, que até a presente data não obtive respostas.

<sup>10</sup> *Revista do Ensino*, 1933, p. 37.

<sup>11</sup> *Idem*.

associação daqui a Associação Brasileira de Escoteiros, ficando assim os escoteiros parahybanos pertencendo à Federação de Escoteiros do Brasil”<sup>12</sup>.

Outra medida considerada pelo jornal *A União* importante, foi o retorno das atividades de campo dos escoteiros na capital, suspensas por aproximadamente um ano devido ao fato de as barracas estarem na cidade de Campina Grande por ocasião da festa do centenário do Ensino Primário. Bradava o jornal: “Agora, porém, que já chegaram as referidas barracas, continuarão com regularidade as instruções em bivaques e acampamentos”<sup>13</sup>.

No dia 05 de abril de 1928, o Grupo Escolar Eptácio Pessoa organizou e realizou um animado bivaque em que tomaram parte duas patrulhas de escoteiros da escola de monitores. Nessa ocasião, foram realizadas provas escoteiras, dentre elas o de uma criança simular ter fraturado um braço. Os escoteiros Luiz de Miranda Sá e Antônio Moura, encarregado no momento, do serviço de socorros urgentes, prepararam com dois bastões e duas camisas, uma cômoda e confortável maca onde transportaram para a barraca-hospital o suposto doente. “Alli, depois de reanimal-o praticaram a estalagem do braço”<sup>14</sup>. O referido acampamento “foi visitado por diversas pessoas e correu na maior ordem”<sup>15</sup>.

Situações em que deveriam demonstrar segurança, força e lealdade dentre os escoteiros passaram a ser publicadas pelos periódicos em circulação da época. Foi assim na descrição feita por Sizenando Costa na *Revista do Ensino*. Certa vez, deixou a tropa de escoteiros por alguns instantes enquanto foi realizar um dever civil: felicitar uma amiga de magistério pela passagem de seu aniversário; “precisei levar-lhe os meus cumprimentos pela passagem naquele dia de sua data natalícia”<sup>16</sup>. Devido a insistência da aniversariante, o professor estendeu sua estadia por aproximadamente uma hora, descumprindo sua palavra para com o grupo. Durante a festa, ao longe ouviu-se um silvo característico dos escoteiros da *Patrulha do Corvo*<sup>17</sup>. Ao sair à rua, o professor Sizenando Costa se deparou com um dos rapazes mais velhos do grupo, monitor da mencionada patrulha que comunicava o descontentamento da tropa pela demora de seu retorno. Ao encontrar a caravana, o professor teve que pedir desculpas por ter quebrado o código de conduta que regia-os. A partir de seu retorno, tornaram a trabalhar com “a batea como os garimpos que em suas bandeiras levaram os nossos domínios muito e muito para o Oeste”<sup>18</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As publicações sobre o escoteirismo na Paraíba deixam claro a existência de uma liderança a nível estadual, com um profissional pago pelo Estado e que era responsável por formar os monitores e chefes das tropas de escoteiros. Para além dessa formação, vale ressaltar, que boa parte das tropas existentes eram formadas dentro das escolas, e diretamente ligadas ao ensino. Não foi possível identificar no recorte analisado quantas e quais escolas possuíam tropas de escoteiros, mas é possível inferir que o objetivo desses grupos iam além do fato de realizar estudos sobre a natureza: almejavam disciplinar corpos e mentes. Impunha-lhes regras. Realizavam exercícios

---

<sup>12</sup> *A União*, 10 abr. 1928.

<sup>13</sup> *Idem*.

<sup>14</sup> *A União*, 07 abr. 1928.

<sup>15</sup> *A União*, 07 abr. 1928.

<sup>16</sup> *Revista do Ensino*, 1933, p. 39.

<sup>17</sup> Nome do grupo de escoteiros liderado por Sizenando Costa.

<sup>18</sup> *Revista do Ensino*, 1933, p. 39.

físicos: subiam e desciam ladeiras, corriam, saltavam, pegavam peso, nadavam, quebravam pedras, caçavam lenha.

É possível afirmar que o escoteirismo, assim como a ginástica sueca, galgava formar corpos disciplinados e fisicamente vigorosos. Para isso, trataram de realizar inúmeras tarefas físicas, algumas delas orientadas pela própria ginástica sueca. Estavam amparados pelos domínios da higiene! A ideia era criar “crianças perfeitamente sadias e fortes, praticando com vantagem os efeitos da higiene, em parceria com o ensino nas escolas”<sup>19</sup>.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Sizenando. Higiene Rural. *Revista do Ensino*. João Pessoa, n. 16, p. 17-26, 1938.

\_\_\_\_\_. O escoteirismo na Paraíba. *Revista do Ensino*. João Pessoa, n. 05/06, p. 30-39.

SOARES JR., Azemar dos Santos. *Physicamente vigorosos: medicalização escolar e modelação de corpos na Parahyba (1913-1942)*. João Pessoa, 2015, 270 p. Tese (Doutorado em Educação), Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba.

\_\_\_\_\_. *Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba*. Rio de Janeiro: AMCGuedes, 2015.

STEPHANOU, Maria. Formar o cidadão física e moralmente: médicos, mestres e crianças na escola elementar. *Educação, Subjetividade & Poder*. Porto Alegre, n. 3, p. 59-66, jan/jun., 1996.

\_\_\_\_\_. Discursos médicos e a educação sanitária na escola brasileira. In: BASTOS, Maria Helena; STEPHANOU Maria (Org.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil – Século XX*. 3. v. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 142-164.

\_\_\_\_\_. *Saúde pela educação*. Escolarização e didatização de saberes médicos na primeira metade do século XX. Disponível em: [http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/114\\_maria\\_ste.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/114_maria_ste.pdf). Acesso em: 11.out. 2010.

---

<sup>19</sup> *Revista do Ensino*, 1933, p. 30.